

Espaço público

Um estudo recente sugere que a flexibilidade laboral pode estar associada a taxas de desemprego mais elevadas

O estranho consenso sobre a cura para o desemprego

Parece existir um largo consenso acerca das causas do elevado desemprego na Europa e, por conseguinte, dos remédios aplicáveis. O argumento é simples: esse desemprego é causado pela rigidez dos mercados de trabalho. Logo, para diminuir o desemprego, é preciso atacar as suas causas, ou seja, flexibilizar as regras de negociação, contratação, despedimento e fixação de salários e diminuir a generosidade dos subsídios ao desemprego.

Embora os dados empíricos sobre o tema escasseiem, os apoiantes destes modelos estão dispostos a aceitar que tais alterações tenderão a conduzir a um aumento das desigualdades sociais, nomeadamente através da redução relativa dos salários dos trabalhadores menos qualificados. Mas esse é entendido como um preço menor a pagar pela redução do desemprego.

Um estudo recente dos economistas James Galbraith e Enrique Garcilazo vem baralhar os dados do debate ao sugerir que a flexibilidade laboral pode estar associada a taxas de desemprego mais elevadas, contrariamente ao que sugere a visão convencional. Os autores analisam o papel de diferentes factores na explicação do fenómeno do desemprego durante o período 1984-2000, como sejam: a taxa de crescimento económico em cada região; o salário médio dessa região em relação à média europeia;

o peso dos jovens na população (os quais têm maior dificuldade em encontrar um emprego estável); a desigualdade salarial entre os sectores de actividade na região; o país a que a região pertence; e, finalmente, o factor temporal (que reflecte o clima macroeconómico ao nível continental).

Destes seis factores explicativos, há um que nos surge como pouco habitual - o que se refere à desigualdade salarial entre os sectores de actividade na região. Por que motivo a maior ou menor amplitude do leque salarial haveria de afectar as taxas de desemprego de uma região? É aqui que encontramos o contributo mais original deste trabalho. Galbraith e Garcilazo sugerem que a estrutura salarial de uma dada região afecta a procura de emprego. Mais especificamente, quanto maior for a diferença entre salários, mais tempo irão os indivíduos aceitar esperar para aceitar uma oferta de emprego.

O fenómeno não é de todo desconhecido, pois abundam as oportunidades de emprego em serviços mal pagos (os "McJobs" ou, mais apropriadamente, os "CallcenterJobs"), mas escasseiam os empregos bem remunerados em serviços qualificados. Frequentemente, os jovens com formações médias ou avançadas rejeitam oportunidades

**Ricardo
Pais
Mamede**

de emprego certo em funções menos bem remuneradas (...). Assim, quanto maior for a desigualdade salarial, mais jovens irão alimentar a lista de desempregados.

Os exercícios econométricos apresentados no estudo confirmam estas suspeitas: elevados níveis de desigualdade salarial estão sistematicamente associados a elevadas taxas de desemprego, mesmo quando os outros factores explicativos do desemprego são tidos em conta. Pelo contrário, o papel das legislações laborais nacionais revela-se pouco importante ou mesmo não significativo. Dos 161 casos regionais considerados, são poucos aqueles onde a taxa de desemprego é afectada pelo facto de se localizarem num dado país - o que não seria de esperar caso as legislações laborais nacionais fossem a causa determinante do desemprego.

Mas os resultados de Galbraith e Garcilazo são ainda mais provocadores para quem defende as receitas habituais para resolver o problema do desemprego na Europa. Vejamos: se é um facto que a flexibilização dos mercados de trabalho acarreta maior desigualdade salarial, e se a desigualdade salarial é factor de maior desemprego, então a flexibilidade laboral estará associada a mais - e não a menos - desemprego. Talvez seja altura de pôr em causa o estranho consenso sobre a cura para o desemprego europeu. *Professor auxiliar do Departamento de Economia do ISCTE*